



Argumentum

ISSN: 2176-9575

revistaargumentum@ufes.br

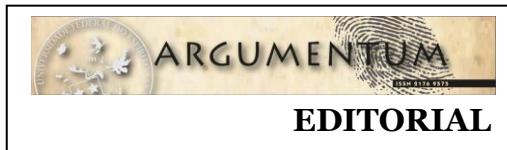
Universidade Federal do Espírito Santo  
Brasil

BONNET, Annabelle; Neves de SOUZA, Victor  
Os impactos da pandemia COVID-19 sobre as políticas sociais  
Argumentum, vol. 13, núm. 1, 2021, Enero-, pp. 4-5  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória, Brasil

DOI: <https://doi.org/argumentum.v13i1.35173>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=475570159001>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org



## Os impactos da pandemia COVID-19 sobre as políticas sociais

*The impacts of the COVID-19 pandemic on social policies*

**Annabelle BONNET\***

 <https://orcid.org/0000-0002-4312-2310>

**Victor Neves de SOUZA\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-3540-0034>

Este número da revista *Argumentum* surge não apenas em meio a uma pandemia de grandes proporções, mas também em meio a uma verdadeira tragédia social e política.

Em meados do mês de abril de 2021, a pandemia do coronavírus já havia matado cerca de três milhões de pessoas pelo mundo. No Brasil, mais de 350 mil óbitos já foram contabilizados, e a curva não para de crescer, atingindo uma média de três mil mortes por dia. O fenômeno não é particularidade brasileira: contabilizam-se centenas de milhares de mortos no continente europeu, e também nos Estados Unidos. Apesar da vacinação ora em curso, pergunta-se: quem apaga da história aqueles que já faleceram?

Por outro lado, também há exemplos que apontam que muito disso poderia ter sido evitado: na China, por exemplo, país com cerca de 1 bilhão e meio de habitantes (cerca de 1/6 da população mundial), contabilizam-se cerca de 5 mil mortes até o momento; na Austrália, país com cerca de 25 milhões de habitantes, contabilizam-se cerca de mil mortes; em Cuba, país com cerca de 11 milhões de habitantes, contabilizam-se cerca de 500 mortes; no Vietnã, país com cerca de 100 milhões de habitantes (quase a metade da população brasileira), contabilizam-se cerca de... 50 mortes.

São precisamente essas adversidades e essas contradições que o periódico, fiel ao seu posicionamento teórico-político, ao rigor investigativo e ao compromisso com a vida, se colocou no desafio de encarar.

Em pleno século XXI, recoloca-se a questão que remete a momentos decisivos do século XX: como, de fato, pensar o impensável? Por que, e, sobretudo, para que continuar investigando o mundo social e suas lógicas, em sociedades onde milhões de mortes parecem não provocar o devido espanto coletivo?

É que, na contracorrente da consideração da vida social como *fatum* inexplicável e irredutível à teorização, da banalização do adoecimento, do maltrato dos corpos humanos e do ocultamento das relações sociais que esmagam até mesmo a capacidade de empatia, reafirma-se plenamente, neste volume, a razão de ser de uma revista de Ciências Sociais Aplicadas, bem como da pesquisa nessa área.

\* École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris) / PPGPS-UFES. E-mail: annabelle.bonnet7@orange.fr.

\*\* Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: victornsouza01@gmail.com.

Temos, neste volume, artigos que problematizam os impactos da pandemia nas diferentes esferas da vida social. Eles exploram temas variados, tais como: os efeitos da situação atual da assistência social no Brasil; sua repercussão sobre o sistema prisional; ou, ainda, suas consequências sobre as políticas educativas.

Mas não se trata apenas de constatar os impactos: cada um dos estudos aqui publicados nos mostra, com precisão teórica, referências acreditadas e mobilização de um consciente aparato conceitual, como a pandemia e seus efeitos só se entendem plenamente se forem considerados como um fenômeno eminentemente social, carregado de pressupostos, implicações e desdobramentos de ordem política, cujo pano de fundo é o modo de vida vigente sob a forma capitalista de sociabilidade.

Os artigos desta edição realçam a necessidade de abordar a COVID-19 em toda a sua complexidade, o que nos exige considerá-la à luz de uma análise do modo de produção e de vida que estrutura nossa sociedade e age como princípio unificador, em que, todas as esferas da vida e de atuação das políticas sociais são atravessadas pelo imperativo da valorização do valor; pela contradição entre produção social e apropriação privada da riqueza; e pela expropriação dos produtores diretos que atinge até mesmo direitos sociais elementares. Em suma: pela priorização da apropriação de mais-valia em detrimento da vida.

Assim, a pluralidade dos fenômenos investigados nos artigos se encontra unificada no que diz respeito à constatação da articulação entre pandemia - e suas consequências - e aprofundamento da exploração dos trabalhadores e das trabalhadoras, piora generalizada das suas condições de vida, deixando os setores mais vulneráveis das classes trabalhadoras ainda mais desprotegidos.

Além disso, a *Sessão Debate* deste número apresenta outro desafio para o campo das Ciências Sociais Aplicadas em geral, e, mais particularmente, para o Serviço Social: pensar o horizonte da política social no assim chamado *pós-pandemia*. O texto central da sessão, redigido por Rosa Marques (professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e Solange Emilene Berwig (professora da Universidade Federal do Pampa) nos coloca diante de uma questão essencial: quais são as tendências da política social no Brasil após esse período? Respondem a essa problematização Patrícia Trópia (professora da Universidade Federal de Uberlândia e presidente da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho) e Caio Martins (professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Com este número, a equipe editorial da *Argumentum* espera oferecer uma contribuição à reflexão acadêmica sobre a pandemia. E espera, no melhor dos casos, que tal reflexão ultrapasse os muros da universidade e, se vestindo com as cores e dores da luta pela emancipação humana, contribua para a construção de uma forma de sociabilidade em que se possa, de modo consequente, colocar a vida e o desenvolvimento das potencialidades humanas em primeiro lugar.